



CIEA7 #2:

O DESPORTO NOS PAÍSES AFRICANOS: ENTRE AS PRÁTICAS COLONIAIS
E OS PROJECTOS DE MODERNIDADE.

Nuno Domingos[©]

nuno.domingos@ics.ul.pt

A recepção e circulação de um esquema teórico:

o WM na Lourenço Marques Colonial¹

O futebol, tal como outras actividades, práticas e técnicas, deu origem a processos de circulação de conhecimento. Uma dimensão desta circulação incidia sobre formas de interpretar a modalidade, os modos de organizar os gestos e os movimentos dos atletas. A disseminação de esquemas tácticos, por vias diversas, afectou de forma particular o modo como se praticou o futebol na capital de Moçambique, Lourenço Marques, durante o período colonial. Mais do que simples métodos de distribuição espacial dos jogadores, esquemas tácticos como o conhecido WM representavam, para os atletas em Lourenço Marques, a imposição de uma nova atitude performativa com consequências no movimentos dos seus corpos mas também no modo como se relacionavam com o mundo social.

Colonialismo, Futebol, Circulação de informação e técnicas.

Football, as other activities, practices and techniques, led to processes of knowledge circulation. One dimension of this particular circulation of knowledge reflected the way the game was interpreted and the methods that aimed to organize the players' gestures and movements. The diverse dissemination of tactical schemes particularly affected the ways the game was played in Lourenço Marques, the capital of colonial Mozambique. More than simple methods of spatial distribution within the pitch, tactics schemes as the WM represented for the players in Lourenço Marques the imposition of a new attitude during the athletic performance that had consequences in the movements of their bodies but also in the their relation with the social world.

Colonialism, Football, Circulation of information and techniques.

[©] Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa.

¹ Esta apresentação baseia-se no artigo "A circulação de um esquema táctico: o exemplo do WM em Inglaterra, Portugal e Moçambique", publicada na Revista *Esporte e Sociedade*, Ano 5 - Número 14 - Mar. 2010/Jun. 2010. A introdução a este texto, de carácter geral, reproduz a introdução ao artigo.

O WM COMO UMA RACIONALIZAÇÃO DO PADRÃO DE JOGO

Elaborado na transição para a década de 1930, o sistema WM tornou-se dominante no mundo do futebol competitivo nas décadas seguintes, sendo, mais tarde, substituído por outros sistemas de organização do jogo. O processo de disseminação de modelos táticos de jogo, como o WM, permite discutir um conjunto de questões interrelacionadas. Desde logo, reflecte a importância da imposição de princípios de racionalidade motora, cuja lógica última se relaciona com o desenvolvimento do que Norbert Elias designou por “processo de desportivização” (Elias, 1992: 187-215). Este fenómeno, intrínseco à evolução de formas desportivas modernas, manifesta-se de modo particular no universo do futebol competitivo profissionalizado, ou em vias de profissionalização, transformado num espectáculo dirigido a um público. A tendência de difusão de formas de regulação das interações dos atletas durante um jogo de futebol regista importantes adaptações locais, que transformam de modo mais ou menos significativo a sua lógica original. Os princípios que regem estas formas de adaptação e recriação, argumentar-se-á contra interpretações que nacionalizam ou culturalizam as formas de jogar, devem ser procurados nas condições de produção locais deste espectáculo, o que implica uma análise da relação entre o desenvolvimento do jogo, enquanto actividade relativamente autónoma que desenvolve lógicas de mercado específicas, e processos de troca com as formas sociais envolventes. Actividade que acompanha o processo histórico moderno, o futebol apresenta, no modo como evoluiu e se internacionalizou ao longo do último século e meio, características comuns a outras actividades desenvolvidas no mesmo período. Tal semelhança é detectável a partir da análise da dimensão formal do jogo de futebol. Destaque-se, a este respeito, a progressiva complexidade da divisão do trabalho presente na organização das equipas, não apenas nas funções cumpridas pelos jogadores em campo e no modo como desenham dinâmicas colectivas, mas também em toda a estrutura que envolve a actividade desportiva, ela própria cada vez mais específica e especializada. Esta formalização, que o futebol partilha com esferas de actividade social estruturantes, como por exemplo a económica, não converte a sua dinâmica num reflexo da lógica de outros domínios do social. Muito por via da sua apropriação popular no âmbito de uma cultura urbana e massificada, o jogo foi historicamente desclassificado enquanto objecto de investigação. Este facto, quando não protelou o seu estudo, remeteu-o para o estatuto de mero reflexo de processos políticos e sociais. O processo que subjaz à circulação de um esquema tático como o

WM, um método de reorganização da divisão do trabalho dentro de campo, sustentado em respostas racionais colocadas pela alteração da lei do fora de jogo em 1925, foi fértil em lutas que só podem ser entendidas no contexto específico desta actividade e da sua relação com mercados de troca específicos.

Os limites da expansão da circulação das táticas do futebol são determinados pela existência de universos de práticas e competições desportivas, cujo funcionamento justifica a presença de formas de racionalização do que podemos designar por “matéria do jogo”, isto é, de racionalização dos gestos e movimentos dos jogadores. Norbert Elias, ao descrever o processo de desportivização, remete para um contexto caracterizado pela codificação e expansão progressiva das regras do futebol, factor que permitia a realização de jogos desportivos entre equipas de regiões e locais diferentes. Não foram apenas as regras do jogo, no entanto, que circularam entre regiões, países e continentes; foi também o conhecimento que permitia às equipas organizarem-se de forma mais consentânea com o objectivo que se tornou dominante nas competições desportivas em processo de profissionalização: a vitória. A importância dos resultados foi também assinalada pelo sociólogo alemão como uma característica do processo de desportivização. Ao deixar de ser uma prática amadora e constituindo-se como um espectáculo público, o futebol tornou-se num assunto sério. As equipas passaram a representar colectivos de adeptos que lhes exigiam o custo da representação. Tal exigência possuía dimensões distintas. Os aspectos performativos relativos a uma dimensão de natureza espectacular completavam parte da expectativa dos adeptos em relação à performance. No entanto, o valor mais caro às massas de seguidores da equipa era a vitória. Identificado o objectivo crucial à actividade de uma equipa de futebol, cabia perceber e interpretar os mecanismos mais eficazes para o alcançar. Desde logo se compreendeu a importância da preparação dos jogadores, do treino, da dedicação ao jogo. O futebol tornara-se uma profissão, embora o reconhecimento deste estatuto tenha sido lento e muito diferenciado no tempo e no espaço. O processo de profissionalização assumia que o jogador devia estar bem preparado. O estudo da modalidade, também ele progressivamente especializado, realizado por treinadores, jornalistas, antigos jogadores, assinalava que esta preparação devia implicar, para além da melhoria da condição física, a incorporação de um conjunto de princípios táticos. A palavra incorporação descreve bem este mecanismo: o pensamento tático devia ser interpretado por corpos educados; não bastava o entendimento abstracto, era crucial um entendimento corporal. A tendência observada ao longo do tempo reflectiu a progressiva centralidade da componente tática como elemento estruturador do jogo em detrimento de outros critérios, como

por exemplo a excelência técnica do jogador, eixo fundamental da relação do público com o jogo. A hegemonia da tática não se fez sem um processo permanente de lutas, de constantes avanços e recuos, que ainda hoje se observam.

Um dos factores fundamentais que determina o ritmo destes avanços e recuos é precisamente a dinâmica e profundidade do processo de profissionalização, isto é, o estado das condições que envolvem a “produção do jogo”, aquilo que permite o maior ou menor desenvolvimento da componente tática. Motivada pela pressão dos adeptos, que institui a busca dos resultados como princípio dominante da acção dos jogadores e das equipas, a profissionalização alimenta-se e estimula a expansão de um mercado de trocas e ideias, que acompanha a concomitante mobilidade profissional de atletas e treinadores. As digressões de equipas, que usualmente actuavam apenas numa esfera regional, nacional, ou mesmo continental, para fora dos seus espaços habituais, proporcionaram uma partilha de performances, de gestos individuais mas também de sistemas colectivos. Muitas destas ideias táticas foram transcritas para manuais, que fixavam, num cânone de referências, as principais concepções de organização do futebol. O elemento crucial em falta neste quadro são os media: o grande espaço de discussão e circulação de ideias, local de defesa e contestação dos modelos, dos seus autores e daqueles que, na prática do jogo, provavam, ou não, a fertilidade dos sistemas.

Pelos lugares onde o futebol se encontrava mais profissionalizado criou-se uma espécie de espaço público específico, lugar da troca de ideias e de experiências, lugar da apropriação mas também da adaptação e da transformação.

Investigar a disseminação de táticas é um trabalho complexo, sobretudo quando se procura estudar as primeiras décadas de competições. À falta de imagens, única forma de ajuizar com maior pertinência a posição dos jogadores em campo, juntam-se as contradições dos registos escritos e a carência de obras que sintetizem a progressão dos desenvolvimentos técnicos e a criação de um cânone teórico. Como no futebol a representação de um modelo tático só ganha forma na própria performance, é problemático refazer uma linha cronológica, distinguir quem introduziu um novo sistema de quem o aplicou correctamente. Noutra sentença, não sendo a tática o único elemento a ter em conta ao se avaliar a prestação de uma equipa, é normal que os momentos de ruptura e transformação estejam muitas vezes associados aos clubes que conjugavam uma dimensão tática inovadora com um potencial técnico elevado, resultado combinado do seu sucesso e, quase sempre, de uma relativa capacidade financeira. A importância de uma equipa taticamente dotada, mas frágil noutros aspectos, pode passar despercebida no nevoeiro dos seus

resultados banais. Como se irá observar adiante, há versões contraditórias em relação aos trilhos exactos por onde se propagaram as táticas.

O trabalho de investigação sobre este processo de disseminação está em grande medida por realizar. A observação aqui realizada é bastante preliminar e sustentada em fontes parcelares, que não substituem naturalmente um trabalho de base. Para o estudo do surgimento do WM foi adoptada a narrativa dominante, traduzida em manuais e outras obras de divulgação e análise, publicados desde a década de 1930 até à actualidade, que atribuem à passagem do treinador Herbert Chapman pelo Arsenal a origem do novo sistema².

OS FUNDAMENTOS DA INVENÇÃO DO WM

O WM resulta de uma resposta racional à alteração da lei do fora de jogo imposta pelo International Board em 1925. Segundo a nova formulação da regra, os avançados só estariam em posição ilegal encontrando-se na altura do passe com apenas um jogador entre eles e a baliza, normalmente o guarda-redes. A nova regra impunha que a “ordem da interacção” durante o jogo se alterasse. O esquema táctico dominante até então, conhecido por formação clássica, tornou-se pouco consentâneo com as novas exigências que a transformação da regra do fora de jogo colocava à movimentação dos jogadores. Criara-se um vazio táctico. A história do futebol atribui ao treinador inglês Herbert Chapman a solução para este problema. Durante o tempo em que treinou o Arsenal de Londres, a partir de 1925, Chapman foi-se apercebendo das insuficiências da formação clássica face à nova lei. A experiência levou-o a desenhar outra tática, que ficaria conhecida por WM: o M, que revela a configuração dos jogadores mais recuados, e o W, que desenha a posição dos atletas mais avançados. A colocação de um terceiro defesa permitia bloquear o maior espaço que os avançados possuíam desde a introdução da nova regra. Esta alteração iria desencadear um conjunto de transformações na forma dos jogadores ocuparem o espaço no campo e também nas funções que desempenhavam no seio da equipa (que

² Esta narrativa é visível nas obras do jornalista e treinador português Cândido de Oliveira (*Football, Técnica e Tática*, Lisboa, ed. autor, 1935 e *A evolução táctica no futebol, WM*, Lisboa, ed. autor, 1949). O valor destas publicações, no contexto da circulação de manuais tácticos pelo mundo, está ainda por avaliar. A mesma narrativa é suportada por clássicos como *Soccer Revolution* de Willy Meisl, Londres, Panther, 1957, e está presente em manuais de origem diversa como por exemplo George Briquet, *Football D’Aujourd’Hui*, Paris, Flammarion, 1955; Conrad Lodziak, *Understanding Soccer Tactics*; Londres, Faber and Faber, 1955; Arpad Csanadi, *El Futbol*, Barcelona, Planeta, 1963 (orig. 1956).

não vou aqui descrever). A notícia das vitórias do Arsenal, nomeadamente a partir de 1930, sob o novo esquema tático, rapidamente circulou por todos os contextos competitivos em que a nova lei do fora de jogo ia desafiando a imaginação e a inteligência de treinadores e jogadores. Em inúmeros contextos nacionais, com ritmos diferenciados, a novidade tática foi objecto de experimentação prática, dando origem a inúmeros debates num espaço público futebolístico, ao surgimento de fervorosos adeptos e não menos diligentes detractores.

ENTRE INGLATERRA, PORTUGAL

O conjunto de passos que determinam a chegada do WM a Moçambique será aqui brevemente resumido. O jornalista, jogador e treinador português Cândido de Oliveira, um casapiano³ que foi sem dúvida uma das figuras maiores da história do futebol português, viajou em 1935 para Inglaterra para participar num curso de treinadores organizado pela *Football Association* e estagiar com o Arsenal em Londres. Deslocou-se ainda à Escócia, onde assistiu a alguns encontros do campeonato escocês. Quando regressou a Portugal, ainda em 1935, publicou um livro de iniciação tática intitulado *Football, Técnica e Tática* onde se dedica a analisar e interpretar o WM de Chapman. A publicação era apenas mais uma etapa no trabalho de divulgação realizado por Cândido de Oliveira, e por outros dos pioneiros do futebol em Portugal, na defesa da promoção do futebol, do ensino das suas regras, da sua base científica, na tentativa de explicar a sua estética particular. Como refere no seu livro de 1935⁴: “Como o génio musical ou artístico, a habilidade no football não se desenvolve e apura sem uma aprendizagem cuidada e racional e uma prática persistente e intensa” (Oliveira, 1935a: 75). A tática era o fundamento racional do jogo moderno, princípio da sua eficácia e comprovação da sua base científica.

A história do WM em Portugal, que tem no livro de Cândido de Oliveira em 1935 uma etapa inicial, prossegue com as primeiras experimentações, no Benfica treinado por Ribeiro dos Reis em 1936, e atinge a sua maturidade no Belenenses do argentino Scopelli na época de 1938/39. Sob a batuta de Cândido de Oliveira, a equipa do Sporting, campeão em 1948 e 1949, terá revelado toda a eficácia do sistema. Para Cândido de Oliveira a cientificidade do WM provava-se na experiência do jogo e na

³ Sobre a importância da experiência de Cândido de Oliveira na Casa Pia ver Oliveira (1934).

⁴ Baseado num relatório que escreveu para a FPF (Oliveira, 1935b).

forma como tinha vindo a conquistar todos os campeonatos mais competitivos do mundo, apesar de algumas resistências. A introdução eficaz do WM exigia, porém, condições de treino suficientemente avançadas para os jogadores conseguirem adquirir os hábitos necessários para interpretarem de forma adequada a lógica do sistema táctico. Tais condições decorriam de um processo de profissionalização que se desenvolvia de forma muito desigual pelas várias paragens do mundo.

O WM EM LOURENÇO MARQUES

Independentemente das discussões acerca do processo de disseminação do WM e da origem das suas adaptações, a expansão do sistema táctico atestava um processo de circulação de princípios de organização da actividade motora dos jogadores e da movimentação das equipas, que muitas vezes permanecia invisível quando a discussão sobre estilos de jogos remetia com insistência para a sua origem nacional e para as características irredutíveis dos povos. A criação de estilos, realizada em diálogo permanente com a circulação das tácticas, relevava, mais do que tudo, as condições que caracterizavam o universo das competições em cada região, a origem dos atletas e o seu contexto de formação. A mesma linha de interpretação aplica-se à recepção do sistema WM em Lourenço Marques, actual cidade de Maputo, capital da então colónia portuguesa de Moçambique.

O desenvolvimento do futebol em Lourenço Marques reflectiu o sistema de poder imposto pela colonização portuguesa (Domingos, 2005-2006, 2006 e 2009). O futebol foi jogado em Lourenço Marques pelo menos desde as primeiras décadas do século XX. Os primeiros registos de competições destacam a iniciativa da comunidade britânica, mas também a acção dos primeiros clubes formados por colonos portugueses. Em 1923 foi criada a Associação de Futebol de Lourenço Marques (AFLM), onde jogavam os chamados “clubes da baixa”⁵. Os africanos encontravam-se fora das competições organizadas por britânicos e portugueses, com a excepção de alguns elementos de uma elite crioula cujos membros, por afinidade de classe, eram admitidos nas equipas que dominavam o universo desportivo local. A chegada paulatina de colonos à cidade motivou a fundação de mais clubes.

⁵ O Clube Ferroviário (n.1924), equipa da empresa dos caminhos-de-ferro; o Sporting de Lourenço Marques (n.1920), filial do Sporting de Lisboa; o Desportivo de Lourenço (n.1921), filial do Benfica; e o 1.º Maio, clube mais antigo da cidade colonial, fundando em 1917 por operários anarco-sindicalistas dos caminhos-de-ferro.

Ao lado desta história do futebol em Lourenço Marques, mais próxima da narrativa do colonizador, existia outra. Nos subúrbios negros da capital de Moçambique, na designada “cidade de caniço⁶”, desenvolveu-se um poderoso movimento desportivo, organizado em torno da Associação de Futebol Africana (AFA), fundada em 1924, e de um conjunto de clubes seus associados. Esta associação teve actividade até 1959, quando foi extinta pelo Estado colonial. Os contactos entre a AFA, os seus clubes e o movimento desportivo sul-africano, assentes num intercâmbio regular, foram essenciais para o desenvolvimento do desporto no subúrbio de Lourenço Marques. Os processos de difusão de actividades, técnicas e ideias não se resumiam às narrativas de desenvolvimento europeias.

O futebol, dos dois lados da barreira da segregação, transformara-se num dos mais dinâmicos espectáculos da cidade. As competições marcavam o calendário desportivo local, levando a população com regularidade aos campos de jogo. Tal como na metrópole, o desenvolvimento do processo de desportivização em Lourenço Marques, contrariando as concepções desportivas do regime, gerara um mercado de futebol semi-profissional, embora a uma escala reduzida e concentrada nos maiores aglomerados urbanos. Na capital de Moçambique, a popularização do jogo e o consequente crescimento da pressão dos adeptos e da imprensa sobre a performance dos jogadores e o trabalho dos treinadores criou um espaço de discussão público, promovido por jornais locais e metropolitanos, que também circulavam em Lourenço Marques, no interior do qual a “questão táctica” acabou por, progressivamente, se tornar num dos debates centrais. Este processo incrementou-se em definitivo quando alguns jogadores locais se transferiram, a partir da década de 1950, para os principais clubes da metrópole. A criação desta ponte, simultaneamente um canal de mobilidade social, estimulou a profissionalização do futebol em Lourenço Marques, oficialmente consagrada em 1964.

•

Não é simples traçar uma história da introdução dos esquemas tácticos em Moçambique. Tal objectivo exigiria um trabalho de investigação mais profundo e focalizado. Praticante de futebol desde os anos vinte em Lourenço Marques, o colono Guilherme Cabaço (n.1917) descreve⁷ jogos nos quais a disposição dos jogadores era muito livre. Alguns praticantes conheciam a “formação clássica”, procurando a partir

⁶ Material de construção da maioria das habitações no subúrbio

⁷ Em entrevista concedida ao autor em 6 de Junho de 2006.

deste esquema organizar as equipas. Sobre a chegada do WM a Moçambique, é muito possível que tenha cabido ao clube escocês Aberdeen o mérito de primeira equipa a jogar em Moçambique com tal sistema. Em 1937, o Aberdeen andava em digressão pela África do Sul e foi contratado para jogar em Lourenço Marques. Não sendo possível vislumbrar nos jornais que cobriram o acontecimento qualquer referência explícita ao WM⁸, o modo como os jornalistas descreveram a composição da equipa escocesa e a movimentação dos seus jogadores indica que o Aberdeen, a 13 de Junho, quando derrotou uma equipa local por 6-4, se terá apresentado num WM. A reportagem do jogo de Lourenço Marques comprova a utilização do sistema do clube escocês: “interessante e proveitosa a tática que nos apresentaram, com o médio-centro atrasado, formando uma magnífica barreira de defesa e os médios-laterais a jogarem como segundos avançados” (*Guardian*, 15/6/37: 4).

A nova tática utilizada pelo Aberdeen não terá tido uma grande influência nas equipas locais. As primeiras referências escritas à utilização do WM no campeonato da AFLM indicam ter sido António Borges Jacinto, treinador do Clube Ferroviário e antigo jogador do Benfica, que chegara a Moçambique em 1931, que em 1944⁹ considerou que todas as equipas do clube deviam adoptar o modelo de Chapman. A sua opção foi contrariada pela direcção do clube, que lhe pediu para voltar à formação clássica. A discussão sobre os sistemas táticos adensou-se. Em 1949, o Clube Ferroviário contratou Severiano Correia, um casapiano como Cândido de Oliveira e Ribeiro dos Reis, que jogara e treinara vários clubes em Portugal e em 1947 a selecção nacional. O seu estatuto permitiu-lhe encetar, sem grandes contrariedades, uma experiência mais profunda da aplicação do WM. Em 1951, o jornal do Clube Ferroviário considerava-o responsável por “um melhor ajustamento de «pedras» ao sistema WM, a colocação de alguns jogadores nos seus devidos lugares.” Uma das características da presença de Severiano Correia em Lourenço Marques foi o facto de ter partilhado o treino com a função de redactor principal do suplemento desportivo do *Lourenço Marques Guardian*. Procurando educar a “gente que o futebol só o tem visto entre nós nas aldeolas do nosso querido Portugal Continental onde a modalidade é entretenimento domingueiro...” (*Guardian Desportivo*, 19/8/53: 6-7), Severiano Correia vai narrar os jogos da sua própria equipa. O que se perderia em parcialidade, ganhava-se no modo como o treinador acabava por explicar em texto a sua concepção

⁸ O *Lourenço Marques Guardian* fez o historial das digressões de equipas europeias à África do Sul: em 1897, a equipa inglesa do Corinthians inaugurou estas deslocações, repetindo a visita em 1903. Em 1910 e em 1920 foi a vez da selecção inglesa. O Aberdeen desembarcou pela primeira vez em 1927, sendo seguido, em 1931 e 1934, pelos compatriotas do Motherwell. Em 1935, veio o Combines Service Football Team e, em 1936, o Viena Athletic Club (*Guardian*, 12/6/37: 3).

⁹ Antigo jogador do Benfica, chegara a Moçambique em 1931.

do futebol e, sobretudo, do papel da tática, observada no modo como sacrificava a análise individual dos jogadores em favor da interpretação do movimento das equipas. Neste quadro, o jogador despersonalizava-se, isto é, a sua acção passava a ser observada de acordo com a competência em cumprir a sua função no interior do movimento definido pelo esquema tático. O treinador era o coreógrafo do jogo (*Guardian Desportivo*, 30/12/53: 1-4) e os jogadores os intérpretes de coreografias pré-determinadas: “O jogador por muita boa classe que possua, não pode mostrar com exuberância que deseja gozar os aplausos do público. Tem de se esquecer quem é para pensar, unicamente, na função que lhe cumpre no conjunto” (*Guardian Desportivo*, 20/10/54: 1). Severiano tornou-se um dos mais importantes treinadores em Moçambique, vencendo três campeonatos pelo Ferroviário e um pelo Desportivo. Apesar do seu sucesso, o estilo de jogo que impôs foi criticado, sobretudo porque, no que respeitava a performance das equipas, desafiava concepções de espectáculo enraizadas no gosto do público e muitas vezes partilhadas por jornalistas, dirigentes, treinadores e jogadores¹⁰.

UMA HISTÓRIA ALTERNATIVA? O WM NO SUBÚRBIO

A circulação dos esquemas táticos em Lourenço Marques pode, no entanto, não ter dependido dos caminhos que ligavam o futebol local ao futebol metropolitano no contexto do campeonato da AFLM. No subúrbio, a informação também chegava e não apenas por intermédio das notícias que vinham da chamada “cidade de cimento”. Da África do Sul, por intermédio de inúmeros intercâmbios associativos e desportivos, chegavam experiências, técnicas e novidades performativas. As táticas faziam parte deste processo de troca. O interesse em praticar e consumir o futebol, nomeadamente entre estratos da população mais urbanizada, conduziu a um procura de informação, incrementando os debates e as discussões acerca de tudo o que de novo se passava neste universo. Na África do Sul, as digressões da equipa escocesa do Motherwell em 1931 e 1934 foram fundamentais para o desenvolvimento do jogo entre os clubes negros (Alegi, 2004: 58-59), apesar dos escoceses só terem jogado com equipas constituídas por jogadores brancos. Para os clubes segregados as vitórias do

¹⁰ Severiano Correia deixou Moçambique em 1955. Depois de quatro anos no Lusitano de Évora e de uma experiência em Angola, voltou para o Ferroviário em 1961. Em 1964 abandonou definitivamente Moçambique. Esteve a trabalhar um ano em Joanesburgo antes de voltar à metrópole. Viria ainda a treinar na Grécia e no Brasil. Morreu em 1977, depois de dirigir a equipa do Belenenses.

Motherwell foram inspiradoras e celebradas pela imprensa. “Motherwell” passou a designar um estilo de jogo (idem) cujo significado remetia para formas de sofisticação urbana e aspiração social. O Highlanders Football Club, equipa sedeadada no Bantu Men’s Social Club, um clube dirigido a homens negros educados, foi dos primeiros clubes a adoptar o estilo Motherwell. Em 1934, o Bantu Men’s Social Club participou num torneio no subúrbio de Lourenço Marques (*O Brado Africano*, 2/6/34: 2). A ausência de descrições sobre este jogo em *O Brado Africano*, única publicação que prestava alguma atenção à vida no subúrbio, não permite perceber de que forma jogou a equipa sul-africana, nem se a sua performance deixou, ou não, uma influência no futebol local. Em 1936, os All-Blacks FC de Joanesburgo jogaram em Lourenço Marques e venceram uma selecção da AFA por 7-3 e o Beira-Mar por 3-2 (*O Brado Africano*, 11/7/36: 3). Em 1938, terão jogado no subúrbio da capital de Moçambique o Sham Racks, do West Rand Bantu, o Training Institute e o Halalands (*O Brado Africano*, 24/12/41: 8) e, em 1939, foi a vez do Rangers FC do Transvaal (*O Brado Africano*, 2/9/39: 3). Os clubes da AFA foram também muitas vezes à África do Sul, incrementando o intercâmbio desportivo e a circulação de ideias sobre o jogo de futebol.

A discussão acerca dos esquemas tácticos possuía uma dimensão de novidade e, em certo sentido, de modernidade. As suas implicações concretas, no modo como as equipas jogavam, eram, no entanto, mais sérias. A táctica era um meio de alcançar vitórias e as massas de adeptos, cada vez maiores, pressionavam as suas equipas nesse sentido. Essa pressão sentiu-se também no subúrbio. Em 1951, *O Brado Africano*, criticando a falta de organização prevalecente na AFA, decorrente da ausência do treinador como peça central educadora do colectivo em campo, considerava as equipas locais “orquestras com jogadores célebres mas sem a batuta de um maestro” (26/4/51: 4). O treinador era o homem que devia trabalhar “o magnífico barro humano, amontoado no celeiro sempre prenhe da juventude africana”: “só assim o association africano pode ter a classe pela qual tanto anseia” (idem). Para alcançar um melhor nível performativo, exigência cuja origem residia no exercício de comparação de formas de jogar, deveria incorporar os princípios básicos da modernidade: “Tome a equipa por rumo o velho teorema de ser o caminho mais curto entre dois pontos uma linha recta e esqueça os caminhos tortuosos das travessas e atalhos” (idem). Os “caminhos tortuosos das travessas e dos atalhos” descrevia um estilo de jogo local fundado no virtuosismo técnico dos jogadores e alheio aos grandes

princípios do jogo colectivo. Para o poeta José Craveirinha¹¹, abdicar do jogo local em função das tácticas era uma cedência intolerável. A táctica, segundo a sua opinião, destruiu as características do jogo local e a “habilidade nata” do jogador africano para o futebol (Craveirinha, 1959: 6). O estilo local estava a ser conquistado por “tácticas e mais tácticas. N.ºs 4 em linha, ferrolhos, 4-2-4 e outras coisas do género fizeram moda e mataram muito coisa boa no nosso jogador” (idem). A culpa, argumentava Craveirinha, residia nos treinadores que chegavam a Lourenço Marques e em “alguns jornais desportivos metropolitanos passados de mão em mão, [que] criaram no futebolista suburbano a mentalidade táctica” (idem). A racionalização imposta pela lógica dos esquemas tácticos confrontava-se com a lógica do jogo local, gerando debates e lutas pela definição daquilo que deveria caracterizar o futebol do subúrbio. Este tipo de discussão, longe de se constituir uma especificidade local, foi transversal a todos os contextos nos quais a proposta de organização dos gestos e movimentos dos jogadores e das dinâmicas da equipa, implícita aos sistemas tácticos, desafiou hábitos e tradições, vinculados nas formas de apreciação do público e, fundamentalmente, nos princípios de movimentação sedimentados nos corpos dos atletas.

A MENTALIDADE TÁCTICA COMO FORMA DE VER O MUNDO

A introdução de esquemas tácticos no precário futebol suburbano não é simples de recuperar. Fontes orais são claras ao notar a existência de padrões de distribuição de jogadores em campo que definam uma divisão do trabalho e uma especialização. É preciso, porém, distinguir estas formas de organização de tudo o que implicava a aplicação mais profunda de modelos tácticos, sobretudo no que respeitava às funções dos jogadores e aos constrangimentos colocados aos seus movimentos. Vários jogadores que começaram a competir no subúrbio de Lourenço Marques no final da década de 1940 e na década seguinte referiram jogar segundo a disposição do sistema de Chapman (Domingos, 2009: 181). Saide Mogne, que fez parte de várias turmas suburbanas, como o Mahafil Isslamo, o Atlético Mahometano ou o Munhuanense Azar, apontou o contacto com as equipas sul-africanas, mediadores privilegiados do que se passava na pioneira Inglaterra, como determinante na

¹¹ Poeta e jornalista, nasceu em Maputo em 1922, onde trabalhou em vários jornais. Em 1991 foi-lhe atribuído o Prémio Camões.

disseminação do sistema. A organização dos colectivos segundo os nomes das posições que perfaziam o WM não significava, porém, a imposição dos esquemas tácticos aos gestos e movimentos dos jogadores. Esta passagem do esquema táctico de mero indicador de distribuição do espaço para coordenador absoluto da acção dos jogadores exigia um enquadramento organizativo avançado, nomeadamente formas de profissionalização mais desenvolvidas. A experiência de Severiano Correia permitiu perceber que os ganhos de eficácia não foram conquistados sem levantar debates e críticas. O público, que criara critérios de avaliação fundados no mérito individual, tinha dificuldades em compreender a “estética” do jogo colectivo. Os jogadores, por seu turno, dentro do sistema, perdiam o gosto pela competição mais livre de obrigações tácticas. No subúrbio, a imposição da mentalidade táctica a que se referia José Craveirinha não atingiu a dinâmica que se impôs nos mais profissionalizados campeonatos da baixa e da metrópole. Por estas competições, em especial a partir da transição para a década de 60, passaram muitos jogadores que haviam começado a jogar no subúrbio. A sua experiência em contextos de aplicação mais profunda dos esquemas tácticos revela o choque entre as novas formas de jogar futebol e os princípios de jogo partilhados localmente e inscritos em padrões de jogo significativos compostos por gestos e movimentos particulares.

Face a este jogo local, a experiência da táctica deu origem a outra forma de conceber o jogo, muitas vezes sentida como se de outro jogo se tratasse. Para alguns antigos jogadores “deixava de haver association”; outros sentiam-se “agarrados ao sistema”, deixando de poder actuar da forma como aprenderam nas peladas de bairro e também nas competições da AFA. O sistema, noutro sentido, era também sinónimo de profissão. O jogo proporcionava ganhos e na maior parte das vezes um emprego. A atitude requerida em campo, pressionada pelos adeptos, implicava uma disposição corporal particular e uma outra responsabilidade face a um colectivo diferente daquele que ajuizava os jogos no subúrbio e classificava a performance dos jogadores. Não é possível desligar esta nova atitude de formas de organização social que foram impostas pelo sistema colonial e nas quais, de forma muitas vezes violenta, os africanos foram introduzidos. No entanto, uma possível redução da táctica ao colonialismo, algo sugerido por José Craveirinha, indicia uma simplificação forçada de um complexo universo de práticas. O domínio da táctica permitiu a um conjunto de atletas africanos revelar o seu valor e combater preconceitos, bastante persistentes, em relação ao “estilo de jogo” africano. Ao adoptarem formas de jogar modernas, estes atletas tornaram-se intérpretes competentes de novos modos de jogar. A evolução dos esquemas tácticos resulta ainda de discussões e debates característicos

de uma esfera autónoma, embora remissíveis a dinâmicas sociais mais largas, onde a vitória não é um valor absolutamente dominante, o que abre espaço para discussões de natureza performativa.

A disseminação de um esquema tático convoca um conjunto de debates sobre o processo histórico que aqui foram referidos de modo pouco desenvolvido. A imposição de novas atitudes motoras aos jogadores, decorrentes de um processo de desportivização, sugeria uma outra forma de “experimental” o jogo, de dispor o corpo e gerir gestos e movimentos. A expansão do WM revela a forma como a organização de estruturas desportivas se constituiu na base da circulação de técnicas e conhecimentos que, encontrando-se vinculadas a modelos de organização social, pense-se outra vez na questão da divisão do trabalho, estão também sujeitas a lutas específicas que envolvem um conjunto de agentes que circulam num campo social autónomo. A importância de não simplificar estes processos exige uma reconstrução histórica cuidada, essencial para se evitar a armadilha da nacionalização ou culturalização dos estilos de jogo.

BIBLIOGRAFIA

- Alegi, Peter. 2004. *Laduma: Soccer, Politics and Society in South Africa*. Natal: University of Kwazulu-Natal Press.
- Briquet, George. 1955. *Football D’Aujourd’Hui*. Paris: Flammarion..
- Craveirinha, José. 1959. “A tática acima da técnica”, *Notícias da Tarde*, 11/4/59.
- Csanadi, Arpad, 1963 *El Futbol*. Barcelona: Planeta, (orig. 1956).
- Domingos, Nuno. 2005-2006 “O futebol Português em Moçambique como memória social”. *Cadernos de Estudos Africanos* (Lisboa) n.º 9/10.
- Domingos, Nuno. 2006. “Futebol e colonialismo, dominação e apropriação: sobre o caso moçambicano”. *Análise Social* (Lisboa) vol. XLI (179) : 397-416.
- Domingos, Nuno. 2009. *Football in Colonial Lourenço Marques: bodily practices and Social Rituals*. Phd Thesis. School of Oriental and African Studies: University of London.
- Elias, Norbert.1992. “A génese do desporto: um problema sociológico”. *A Busca da Excitação*. Lisboa: Difel: 187-215.
- Lodziak, Conrad. 1955. *Understanding Soccer Tactics*. Londres: Faber and Faber.
- Meisl, Willy. 1957. *Soccer Revolution*. Londres: Panther.
- Oliveira, Cândido de. 1934. *Alguns Aspectos Psicológicos dos Casapianos, conferência realizada em 2 de Junho de 1934 no Casa Pia Atlético Club*. Lisboa: Sociedade Nacional de Tipografia: 1-16.
- Oliveira, Cândido de. 1935a *Football, Técnica e Tática*. Lisboa: ed. autor.
- Oliveira, Cândido de. 1935b. *Relatório da minha viagem a Inglaterra “Ao serviço do Football Nacional”*. Lisboa: FPFA.
- Oliveira, Cândido de. 1949. *A evolução tática no futebol WM*. Lisboa: ed. autor.